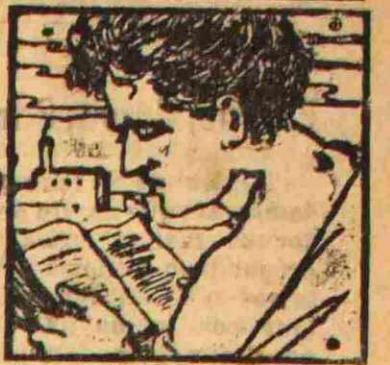




A AURORA



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Formosa 242-2.—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Pereira

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)
Um mez \$05 (50 reis); Semestre \$30 (300 reis); Um ano \$60 (600 reis)
Para fora do país acresce o importe do selo.
Numero avulso \$01 (10 reis)
Comp. e Imp. na Tipografia Peninsular
Rua dos Mercadores, 171—PORTO—

SUCURSAL EM LISBOA
Rua do Arc da Graça, 4-2.

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—Mactel Barbosa

Guerra capitalista, não de princípios

Mas trata-se porventura de defender a liberdade, ou mesmo a democracia, na actual conflagração? perguntávamos nós no nosso número transacto.

O artificio dos nossos adversários de todos os matizes consiste em abstrair, em insular dos aliados uma democracia, em ver só o lado occidental, esquecendo-se da Rússia, em fazer de conta que a presente guerra não é entre dois blocos de potências imperialistas e militaristas, não foi provocada de parte a parte.

Alguns desses adversários, que nos são mais afins, vêem o «perigo russo», mas quando nele tocam ao de leve é para afirmar que chegará depois a sua vez de ser combatido! Como se os revolucionários russos não proclamassem e não sentissem que essa tarefa é para já, que o perigo é actual! Como se tivesse saído o círculo vicioso das guerras entre Estados, para abater temporariamente o poder militar e a expansão imperialista de uns em favor dos outros e recomeçar amanhã a mesma interminável dança!

O caso seria assaz diverso, se se tratasse duma agressão bem caracterizada duma grande potência militar a um povo pacífico e desarmado, incapaz de agredir e provocar. Um exemplo: a conquista de Marrocos e a espoliação e exploração directa dos seus habitantes.

A questão, porém, ainda não está toda aí.

Ainda que dum lado só houvesse democracias e do outro somente monarquias, não se trataria duma guerra entre os dois princípios, e muito menos entre a liberdade e a autoridade: seria sempre uma guerra capitalista, no sentido lato da expressão. Seria uma guerra determinada e provocada pelos governos e castas militares, pelas classes dirigentes, pelas oligarquias financeiras e industriais, que dirigem o mecanismo do Estado (parlamento, imprensa, ministério, exército, polícia, magistratura), com ou sem ficções democráticas. Os governos governam todos do mesmo modo, salvo a resistência popular: o que diferencia os povos são os graus de cultura, de espírito revolucionário, de iniciativa e de organização para a luta. E essas diferenças existem mesmo dentro de cada país, sujeito ás mesmas leis.

Numa revolução, numa guerra civil, estão em presença dois princípios, dois partidos. E embora a

luta seja apenas entre monárquicos e republicanos, se os anarquistas nela interveem, é para lhe imprimirem tanto quanto possível um carácter social-revolucionário e é porque o povo republicano não é o mesmo que o governo republicano. O povo exprime com a palavra «republicana» aspirações muito elevadas de liberdade e igualdade, ás quais muitas vezes só falta precisão, e sobretudo um método adequado de realização e de organização social. A sua vitória é, pois, uma vitória da liberdade, imposta mesmo ao governo «republicano» que subsistia; ao passo que a vitória dos realistas seria o triunfo dos elementos, das forças de reacção e de repressão.

Numa guerra entre Estados, pelo contrário, dá-se dentro de cada um deles uma fusão, não de facto, mas ideal, de partidos e de classes sociais; é o Estado que dirige a luta, obrigando a ela pela violência todos os cidadãos «divres»; é ele que arranja e faz a paz, com as relativas condições e anexações, lançando o germe de novas guerras; é ele, com as suas instituições de morte e de exploração, que dispõe da vitória e dela recolhe os loiros e proventos.

Durante a guerra, o poder do Estado decupla-se, reina prepotente uma severa ditadura militar efectiva. Após a guerra, sobrevem, com a vitória, o fortalecimento e prestígio das instituições militares e o desenvolvimento do imperialismo; ou, com a derrota, a ansia nacionalista da desforra. A guerra, função do exército, estará justificada e aureolada e terá justificado e aureolado o militarismo — não aos olhos da minoria revolucionária intransigente, ou mesmo dos que tiverem sido coagidos a intervir na guerra e até dos voluntários arrependidos, mas sim aos olhos da massa, sobre a qual terão deslumbrante efeito os factos consumados e os exemplos de transigência e adesão «gerais», estrondosamente apregoados «pelos milhares de bocas da imprensa cotidiana». Esta guerra veio mostrar ao vivo de que poderosos meios dispõem os dirigentes para enganar e criar uma opinião pública, unânime e entusiasta.

Em suma, com a vitória dum Estado «Democrático», não triunfa a democracia popular, nem a liberdade, nem o povo: é antes uma vitória contra o povo e a liberdade. É o que procuraremos mostrar ainda melhor, discutindo outros pontos da questão.

zarem o seu jogo político, e não darmos razão aos republicanos nas acusações que nos lançavam de estarmos vendidos aos monárquicos...

As inúmeras infâmias de que fomos acusados; as mil e uma injurias, enxovalhos e insultos com que a organização sindicalista, aos sindicalistas e anarquistas eram constantemente arremessados; as perseguições á organização sindical e seus militantes, era necessário responder com actos demonstrativos do nosso carácter inconcusso, da nossa dignidade de revolucionários consistentes como propagandistas de ideais emancipadores e de felicidade humana, dentro duma linha orientada, sem o menor desvio, para que não fossem confundidos com os agentes do regime depositado e salvassemos a organização do atoleiro em que os governantes a pretendiam mergulhar.

Isso procuramos fazer, todos os que tinhamos responsabilidades como sindicalistas e anarquistas em todos os momentos de preparação ou de luta, mas nem assim a maioria das populações acreditava na nossa sinceridade de proceder, em virtude de es governos e a imprensa, uma parte com velhacaria e outra por mal informada, nos envolver nas fitas conspiratorias.

E tu deves recordar-te—oh se recordas! —quando foste, com Antonio Henriques, preso no Funchal; foi uma fita em que os governantes e a imprensa vos envolveram, declarando que eris uns mandatarios dos revoltosos do 27 de Abril e que vos preparáveis para, na Madeira, promover um movimento simultâneo e com o mesmo fim do de Lisboa...

Lutou-se com desassombro para destruir todas as calunias e infâmias que aos dominantes aprouve engendrar afim de nos desconceituar na opinião publica. E se os governos conseguiram, momentaneamente, enfraquecer o movimento operário, não conseguiram, todavia, provar nenhuma das acusações que fizeram.

E' a nossa maior gloria!
E sabes tu, meu caro Rates, a proposito de que vem todo este arrasoado?

Vem a proposito do teu ultimo gesto: colaborar num jornal monárquico!
Eu sei, e tu o dizes no primeiro artigo, que o facto de um individuo colaborar num jornal de qualquer cor politica não implica necessariamente a concordancia do articulista com as ideias que esse jornal defende. Varios revolucionarios o têm já feito, neste e noutros países, sem que desse facto resulte desdouro, para o que colabora, ou mesmo para as ideias que advoga. Antes pelo contrario.

Tu, porém, não atendeste ás circunstancias do meio e do momento. Noutra occasião e noutro meio essa colaboração era considerada, nuns casos, como para difundir mais largamente as ideias, e noutras, para a satisfação de necessidades financeiras do colaborador.

Colaborarás tu para difundir as tuas opiniões sobre o sindicalismo no jornal monárquico ou será apenas para satisfazer as necessidades do teu estomago?
Em qualquer dos casos esse passo é para mim doloroso, porque nunca supuz que tu, o ardente e entusiastico revolucionario, o inteligente estrategico e audacioso organizador operario—tu que foste, com outros, por mais de uma vez acusado de estar mancomunado com os monárquicos—tu que, como todos os militantes sindicalistas e anarquistas, te esforçaste por destruir tão falsas como infames acusações, fosses colaborar num jornal monárquico!

Poderás tu, agora, afirmar que não estás em relações com os monárquicos, perante aqueles que tal accusação fizeram a todos os militantes operários?

Como negares que os não auxiliias?
Pois, por ventura, não te captaram os monárquicos para os auxiliares na sua propaganda?

Tu dirás que, colaborando, não fazes propaganda monárquica: sim, é certo. Mas julgas tu que os monárquicos, consentindo nos seus jornais propaganda sindicalista, o fazem por amor á classe operaria?

Não, meu amigo, não é. Consentem essa colaboração, por que de eam captar as sympathias da classe operaria. Em seu beneficio. Não unicamente para dela se servir para o seu ponto de vista politico.

E tu escrevendo nos seus jornais, colaboras na obra deles, na causa monárquica.

As formas do governo não te preocupam? Nem a mim.

Todavia, todos nós fomos acusados de colaborar com os reacconários; todos nós repelimos veementemente tais accusações por as considerarmos injurias e afrontas para os nossos justificados brios de revolucionarios sociais, defensores das ideias progressivas e de libertação humana, e esta força moral quizemo-la impôr pela pratica dos nossos actos: é essa força que temos obrigação moral de manter através e apesar de tudo.

As acções dúbias e contraditórias, que obscurecem sempre as ideias revolucionarias daqueles que se dizem seus possuidores e propagadores, apenas aproveitam aos capitalistas e dominantes, sejam eles quais forem; e tu, meu caro amigo, não queres, por certo, favorecer aqueles que, por outro lado, dizes combater.

E' o que, depois de bem reflectires, espero de ti, para o futuro.

Porto.

M. J. de Sousa.

CARTAS INTIMAS

Maldita guerra!

Ao meu amigo e primo, João Rodrigues Vergas.

Era este o fecho da tua ultima carta: ... manda-me dizer o que ha sobre a guerra.

Vou tentar satisfazer a tua vontade.

A guerra que se vem desenrolando há perto de oito meses, no coração da velha Europa, é, como te affirmei numa bela tarde de setembro do ano passado,—quando tu, de enxada em punho, cavavas a terra—uma guerra de ódios comerciais, de ambições mal contidas.

As classes produtoras nada lucrarão, a não ser a enorme perda de companheiros, que ficarão pra sempre nesses campos sinistros de batalha, arrancados á lavoura, á officina, pra defenderem uma causa, de que não são os culpados, mas sim algumas dezenas de financeiros gananciosos, diplomatas vaidosos e enredeiros, e militares ávidos de sangue e vanglórias.

Uns por não saberem o que fazer ao dinheiro—o suor metalizado dos trabalhadores—amontoado em cofres fortes, outros julgando-se senhores do destino das nacionalidades, e por fim: essa profissional casta militar, que com a diplomata e financeira, arrastaram os povos a esta enorme hecatombe.

Um jornal publicou há dias, a seguinte nota da Cruz Vermelha suíça: por ela poderás apreciar, pouco mais ou menos, o número de vítimas que tem causado até hoje a guerra: mortos, doentes e feridos, são: 8.459.500 homens, dos quais, 97.000 servios, 21.000 montegrinos, 55.500 japoneses, 2.423.500 russos, 212.000 belgas, 1.215.500 franceses, 433.500 ingleses, 1.570.000 austriacos e 2.180.000 alemães.

Esta estatística é incompleta pois não cita a perda que os turcos tem sofrido, e as perdas da classe civil, que devem atingir a milhares o número das suas vítimas no cerco de Liège, no seguimento da invasão da laboriosa Bélgica, aquem-Réno, na Rússia, na Austria e na Hungria, na Servia, no Montenegro, na Turquia e na própria Alemanha quando os russos a invadiram.

Chega a parecer impossível, que esta guerra se trave no século XX, que pra ser mais irrisório, se chama: século das luzes!

Os campos que eram outr'ora sulcados pelas charruas, estão hoje cobertos de cadáveres tintos de sangue.

Aldeias e logarejos arrasados, cidades e vilas em ruína.

Quantas mulheres sem companheiros, quantas filhas sem pai, quantas moças sem noivo!

Tudo isto por causa de alguns homens se desaviarem nos seus negócios e apelarem para a guerra como única salvação suprema.

Se o aço e o ferro, que foi empregado no fabrico de canhões que vomitam a morte, balas, aviões e tantas armas traiçoeriras, que a Besta Humana inventou, fosse empregado em charruas, gadanhos, foices, forquilhas e enxadas,—essa arma, que simbolisa a Paz —para sulcar, ceifar e arrotear a Terra-mãe, não assistiríamos ao triste espectáculo da Europa em chamas...

Então a luta a travar seria de Paz e Concordeia: as foices, manejadas pelo braço déstro da nossa querida irmã camponesa, abate-

riam as vastas searas, ao som de canticos de Paz e Amor, que da sua garganta sair am, cortando o espaço em todas as direcções.

—Quanto não seria mais proveitoso esse trabalho fecundo e humano, para ti, Humanidade!

Jose' FELIPE

Notas Rubras

Pescando em...aguas turvas

A já consideravel imprensa monarquista portuguesa vem-se aproveitando cuidadosamente da desilusão e do pessimismo que as facções republicanas atearam no espirito popular, sob o ponto de vista politico-democratico, para alardearem e encarecerem a necessidade da restauração monárquica.

Se bem que o advento da republica trouxe enorme descrença, em grande parte devido á politica inepta e odienta dos seus partidos, não será, ainda assim, motivo sufficiente para que o povo deseje a substituição do regime actual pela monarquia.

E' certo que na curta vigencia da republica se tem cometido imensos erros. Ninguém ouará negar que as puras doutrinas democraticas, apregoadas a toda a hora no tempo da opposição, jamais foram cumpridas.

Mas porventura foi menos cheia de iniquidades a abolida monarquia?

Republicas ou monarquias são estados burgueses.

Porem, coisa alguma o proletariado lucraria com a restauração monárquica, visto que em breve o povo tornaria a preocupar-se com nova proclamação da Republica, e, por conseguinte, olvidaria a sua situação económica para dedicar apenas toda a sua atenção ao problema politico.

A culpa do estado de miséria e desgraça em que a humanidade se debate é, sobretudo da responsabilidade do povo. Se ele estivesse devidamente orientado, se ele tivesse uma educação necessaria não haveria Estados maus nem bons. Quem dá incremento a essa condenavel politicagem que tem feito a sua infelicidade é, principalmente, o operariado.

Deixassem lá os burgueses e os ociosos degladiar-se, que não se comeriam...

Em vez dos trabalhadores se filiarem em igrejas politicantes deviam ingressar na sua associação de classe,

Aqueles que se encontram ha muito libertados da brotoeja politica já no tempo da monarquia afirmavam a mesma coisa. O que se está passando não é para eles uma surpresa.

E quando á especulação dos jornais monárquicos, a proposito do estado comatoso de Portugal, desejo, e é preciso, que o povo se não deixe ir no embrulho por esses truanescos salvadores de manto e sepiro...

O caminho é para diante e não para traz.

C. RODRIGUES

Comité pro-presos por questões sociais

Com a cota de \$50, contribuiu mais a associação de classe dos frabricantes de Calçado. A. Silva,

Carta aberta

a Carlos Rates

Meu caro Rates:

Dêvo ser para ti suficientemente insuspeito para acreditaras na boa intenção com que te dedico as desataviadas linhas que se seguem.

Desde alguns anos a esta data que me habituei a vêr em ti um lutador intemperado em prol dos ideais emancipadores e de redenção humana.

Eu mesmo, que pessoalmente te não conhecia, mas que daqui, do Norte, apreciava as tuas qualidades de lutador, me propuz fazer,—e consegui o,—embora modesta e imperfeitamente—uma pequena palestra numa Associação do Porto, na qual proclamei quanto havia de justo e racional no teu procedimento como militante operário e anarquista, e quanto havia de injusta no procedimento das autoridades tendo-te encarcerado, após a greve em Setúbal, (1911) a bordo da Zaire.

Já nessa altura te admirava. Mas a minha admiração por ti subiu de ponto á maneira que tu, afrontando a ira burguesa e as arbitrariedades dos dominantes, caminhavas, impávido e sereno, na senda organizadora dos rurais.

Nessa data tu eras para mim, o orga-

nizador audaz, quasi único, e estoncerto de escrever algures que tu, de entre os militantes operários portugueses, eras o primeiro—tais eram as qualidades que em ti observava! Tu aliavas á grande qualidade de organizador, as não menores qualidades de jornalista, orador e revolucionário ardente, entusiasta e sincero.

A qualidade de revolucionário ardente —ah!—essa encantava-me. Quantas vezes eu intimamente te enveja aquela facilidade de elaborar planos, o mais possível revolucionários, tal como se fosses um estrategico general que, em campanha, e em face dum próximo e envolvente ataque do inimigo, lhe opunhas uma resistencia poderosa, capaz de lhe destruir o plano ofensivo, de o aniquilar e submeter!

Naqueles momentos —lembras-te?—os teus, por vezes, formidaveis planos de ataque á burguesia e ao Estado, simultaneamente, eram como que uma obsessão de tal forma arraigados no teu espirito, que era necessario que todos os que te ouviam tivessem um não pequeno trabalho para te dissuadirem de tentares pô-los em execução.

Ah! aquele plano teu que semelhava uma nova Jacquerie e que a todo transe querias tentar pôr em pratica!—Recordas-te das razões que te opuseram e que por fim te convenceram? Sim, devem recordar-te...

Entre outras que consideravam aquele plano inexequível, avolumava-se aquella razão, que consideravamos suprema, de não dar motivo a que os monárquicos especulassem com os nossos movimentos para fa-